

JOGOS OLÍMPICOS E CAPITAL SOCIAL: PERSPECTIVAS DE MUDANÇAS SOCIAIS NAS CIDADES-SEDES?

Eduard Angelo Bendrath¹
Andréia Paula Basei²

Resumo: Os legados olímpicos entendidos a partir da perspectiva coletiva poderiam ser considerados insumo e resultado do acúmulo de capital social local, o que diretamente influenciaria a construção de um panorama de herança pós megaevento. Dessa forma, buscou-se na literatura internacional experiências de outras cidades-sedes em relação à forma como o capital social foi observado e debatido dentro da perspectiva de mudanças sociais. Analisaram-se cinco trabalhos cujos temas foram oriundos das experiências de Turim em 2006, Pequim em 2008, Vancouver em 2010, Londres em 2012 e Sochi em 2014. Observou-se que o capital social pode indicar a intensidade e a qualidade das relações sociais em determinados temas, sendo crível que seu acúmulo seja um legado a ser explorado pelos países que sediam os Jogos Olímpicos.

Palavras-chave: Jogos Olímpicos; Capital Social; Legados.

Olympic Games and Social Capital: Perspectives of Social Changes in Host Cities?

Abstract: The Olympic legacy understood from the collective perspective could be considered product and result of the accumulation of local social capital, which directly influence the construction of a panorama of inheritance post megaevent. In this way, we sought in international literature experiences of other cities-seats in relation to how the social capital was observed and discussed within the perspective of social changes. We analyzed five papers whose topics were originated from experiences in Turin in 2006, Beijing in 2008, Vancouver in 2010, London in 2012 and Sochi in 2014. It was observed that the social capital can indicate the intensity and quality of social relations in certain topics, being credible that its accumulation is a legacy to be explored by the countries to where the Olympic Games.

Keywords: Olympic Games; Social Capital; Legacy.

Juegos Olímpicos y Capital Social: ¿Perspectivas de cambios sociales en las ciudades anfitrionas?

Resumen: El legado olímpico entendido desde la perspectiva colectiva, podría considerarse producto y el resultado de la acumulación de capital social local, y que influyen directamente en la construcción de un panorama de la herencia post megaevento. De este modo, hemos buscado en la literatura internacional experiencias de otras ciudades anfitrión en relación a cómo el capital social fue observado y discutido dentro de la perspectiva de los cambios sociales. Se analizaron cinco trabajos cuyos temas se originó a partir de experiencias en Turín en 2006, en Beijing en 2008, en la ciudad de Vancouver, en 2010, en Londres en 2012 y Sochi en 2014. Se observó que el capital social puede indicar la intensidad y la calidad de las relaciones sociales en ciertos temas, ser creíble que su acumulación es un legado para ser explorado por los países anfitriones de los Juegos Olímpicos.

Palabras Clave: Juegos Olímpicos; Capital Social; Legados.

¹ Prof. Adjunto Doutor, Departamento de Educação Física, Universidade Estadual de Maringá. E-mail: bendrath@gmail.com

² Prof.^a Assistente Mestre, Departamento de Educação Física, Universidade Estadual de Maringá.

INTRODUÇÃO

Os megaeventos esportivos influenciam uma rede de estruturas múltiplas em diversas áreas, potencializando ações econômicas, culturais e sociais que trazem consigo a possibilidade de transformação das localidades onde são realizados. Nesse processo, destaca-se os Jogos Olímpicos pela sua magnitude e tradição como um dos mais importantes eventos mundiais no contexto esportivo.

Os Jogos Olímpicos, de acordo com Essex e Chalkley (1998), podem ser considerados como os megaeventos de maior prestígio mundial, caracterizando-se por ser de fase transitória, com participação internacional em um curto espaço de tempo, com grande exposição e que pode ter consequências em longo prazo para a cidade anfitriã. Essas consequências podem estar associadas a resultados positivos, tais como os legados olímpicos, cujas características podem ser de infraestrutura, econômica, cultural e social, e/ou negativos quando relacionados aos elevados custos operacionais, baixa adesão da sociedade e corrupção.

As mudanças mais significativas comumente observadas e avaliadas em cidades-sedes dos Jogos Olímpicos fazem referência ao ambiente urbano, mais especificamente na arquitetura e infraestrutura das cidades. (ESSEX, CHALKLEY, 1998) Essa posição soma-se com os princípios de legados, cuja transformação e herança pautam-se, dentre outras, pela modificação social a partir dos valores olímpicos. Nessa perspectiva analisar a forma como os países e cidades sedes construíram uma visão de legado tomando como referência a teoria do capital social e a forma como a intensidade dessas relações pode ser benéfica (ou não), torna-se o ponto chave para uma nova compreensão dos megaeventos esportivos enquanto ferramenta de transformação social.

Mas afinal, o que seria o capital social? Portes (2000) faz uma analogia interessante a esse conceito. Para o autor, enquanto o capital econômico se encontra nas contas bancárias e o capital humano dentro das cabeças das pessoas, o capital social reside na estrutura das suas relações. Dentro dessa mesma perspectiva, Putnam (2006) esclarece que o capital social constitui-se de um bem público, enquanto que as outras formas de capitais constituem-se em sua maioria de bens privados. Ainda segundo o autor, a base do capital social reside na confiança, solidariedade e reciprocidade dentro de uma sociedade, sendo que o exercício da cidadania a partir de tais pressupostos favoreceria o desenvolvimento individual e coletivo. Quanto mais duas pessoas confiam uma na outra, maior a confiança mútua; no entanto quanto maior a desconfiança maior serão as atitudes que valorizam a própria desconfiança. (PUTNAM, 2006, p.179)

Esse posicionamento torna-se fundamental quando uma sociedade está aberta e apta a receber os Jogos Olímpicos, ápice da multiculturalidade e transformação econômico-social. O engajamento cívico à causa e a participação popular na tomada de decisões, parte inerente do processo democrático, é apontado por Putnam (2006) como parte da consolidação do

capital social, fatos que também traduzem a apropriação e legitimação dos jogos para uma sociedade.

Na mesma linha de raciocínio, Fukuyama (2002) afirma que o capital social atua de forma a garantir um suporte crítico à democracia, impactando diretamente nas drásticas mudanças de opinião ocorridas a cada novo ciclo político, fato que, associado a manutenção de estruturas físicas e sociais pós Jogos Olímpicos traduz-se em possibilidades e incertezas. Assim, o capital social, a partir da intensidade e da qualidade das interações sociais, pode resultar em acúmulos positivos e/ou acúmulos negativos, o que indicaria respectivamente uma maior possibilidade de desenvolvimento social e/ou maior possibilidade de fragmentação social mediante o fato observado. Nesse contexto, o objetivo desse trabalho foi analisar dentro de um recorte temporal de 10 anos, publicações acadêmicas específicas que abordaram a questão relacional entre os jogos e as estruturas do capital social como (im)possibilidade de desenvolvimento em países que foram sede de Jogos Olímpicos.

PRINCÍPIOS DA TEORIA DO CAPITAL SOCIAL

O conceito de capital social que fundamenta este trabalho toma como referência as teorias³ de Robert Putnam (2006) e James Coleman (1988), e centra-se nos princípios e combinações que pautam as cadeias de relações sociais tendo como aparato as normas de confiança, solidariedade e reciprocidade.

O estabelecimento de parâmetros distintivos entre os controversos e variados tipos de capital começou a ser melhor definido a partir dos anos 1990 tendo o Banco Mundial papel decisivo ao adotar estratégias de diferenciação de insumos, processos e produtos oriundos das mais diversas esferas de capital. De acordo com D'Araújo (2010) o banco adotou como padronização internacional para avaliação de projetos e propostas, quatro tipos de capital: *capital natural*, ou seja, recursos naturais do qual um país é dotado; *capital financeiro*, oriundo da esfera produtiva da sociedade e expresso em bens de produção; *capital humano*, definidos pelos graus de saúde, educação e trabalho de uma sociedade, e *capital social*, definido pela capacidade da sociedade em estabelecer laços de confiança interpessoal e redes de cooperação.

A autora ressalta também que os termos relacionados aos diferentes tipos de capital tem sido usados, ainda que com críticas, em outras áreas da ação humana. Economistas lembram que riqueza e crescimento não dependem apenas de recursos naturais e/ou financeiros. (D'ARAÚJO, 2010, p.9). A ação humana e a forma como as relações são estabelecidas dentro de um núcleo comum e seus objetivos conjuntos podem determinar

³ Mesmo partindo de um mesmo conceito, as perspectivas de Putnam e Coleman sobre o capital social remetem a configurações distintas. Enquanto Putnam argumenta que o capital social emana a partir de um conjunto de normas socioculturais que influenciam diretamente as instituições, Coleman aponta para elementos pautados na racionalidade dos atores sociais.

potencialidades de desenvolvimento econômico e social. É sobre esses aspectos que Putnam e Coleman desenvolveram suas ideias e valores sobre o conceito de capital social.

As cadeias de relações sociais que possibilitam o acúmulo de capital social estão embasadas no que os autores denominam de sistemas de participação cívica que tem como mote o princípio da relação interpessoal entre seus entes. Toda sociedade, moderna ou tradicional, autoritária ou democrática, feudal ou capitalista, se caracteriza por sistemas de intercâmbio e comunicação interpessoais, tanto formais quanto informais, pautados na esfera da comunicação horizontal. (PUTNAM, 2006).

Por outro lado, a posição de James Coleman (1988) sobre o conceito de capital social parte da premissa de que existe uma limitação de entendimento das microrrelações sociais e sua direta associação com os princípios da teoria econômica, fato que poderia ser atenuado estabelecendo-se uma posição que considere a interrelação e transição micro-macro a partir das cadeias de relacionamentos. Para o autor o capital social é definido pela sua função e não pelo seu resultado. Coleman (1988) assevera que o capital social, mesmo emergindo a partir de uma grande variedade de entidades, possui em comum: 1) - a incorporação dos aspectos próprios da estrutura social de onde emana e; 2) - a facilitação de ações para determinados atores dentro de uma cadeia de relações. Isso significa que, o capital social como insumo e produto, é dependente do grau de intensidade e da qualidade das interações entre os atores envolvidos.

Fazendo uma leitura do conceito proposto por Coleman, Saul (2008) descreve seu princípio geral e se debruça na compreensão do papel da organização social e das relações estabelecidas entre os sujeitos como mecanismo de acumulação do capital social.

O conceito de capital social, em Coleman, representa assumidamente o desenvolvimento da teoria da troca e a consolidação da teoria da escolha racional dentro da Sociologia. A definição de capital social é dada pela sua função [...] e suas fontes correspondem basicamente a expectativas e à confiabilidade nas estruturas sociais, às redes e às informações e ao cumprimento de regras e acolhimento de sanções preestabelecidas pelas estruturas sociais. Sua fungibilidade é praticamente nula, comparativamente ao capital humano e ao capital físico. Isso se deve ao fato de que ele não está localizado nem nos indivíduos nem em fatores físicos do processo produtivo. A substância do capital social, de acordo com Coleman, é o seu sentido propositivo e, nesse caso, é a organização social (sistema de ação ou ator corporativo) que enseja a realização de propósitos que não seriam alcançados de outro modo. (SAUL, 2008, p.144)

Essa posição reforça o argumento em favor do entendimento de que a intensidade das relações sociais potencializadas por normas e valores aceitos em contratos coletivos, tende a potencializar a participação cívica e a adesão

a causas de natureza inerentes à própria comunidade. De acordo com Putnam (2006, p.183):

Os sistemas de participação cívica, assim como as associações comunitárias, as sociedades orfeônicas, as cooperativas, os clubes esportivos, representam uma intensa interação horizontal. Os sistemas de participação cívica são uma forma essencial de capital social: quanto mais desenvolvidos forem esses sistemas numa comunidade, maior será a probabilidade de que seus cidadãos sejam capazes de cooperar em benefício mútuo.

Portanto, a adesão à causa de um megaevento esportivo e suas diretas consequências para o andamento de determinadas comunidades, não pode ser subjugada a valores de natureza publicitária, onde a mera divulgação de possíveis efeitos positivos seria por si só suficiente para a adesão irrestrita da população para com seus pressupostos. Dentro dessa perspectiva, o autor é enfático ao afirmar que:

Os fluxos de informação verticais costumam ser menos confiáveis que os fluxos horizontais, em parte porque o subalterno controla a informação para precaver-se contra a exploração. E o que é mais importante, as sanções que resguardam as regras de reciprocidade da ameaça do oportunismo dificilmente são impostas de baixo para cima e, ainda que o sejam, dificilmente são acatadas. (PUTNAM, 2006, p.184)

A participação cívica, bem como a adesão a determinados temas passam obrigatoriamente pelo fator confiança. A confiança torna-se fundamental para a manutenção e acúmulo do capital social, configurando-se como elemento central para a resolução dos dilemas da ação coletiva. Para D'Araújo (2010), o capital social remete a valores que vão além do racionalismo econômico, reafirma aspectos éticos da vida em comum, valoriza a cultura humana em suas diferentes manifestações e, nesse sentido, não pode ser um artifício para a imposição de um modelo de sociedade sobre outra.

Os fluxos de informações horizontais, os valores e normas compartilhados coletivamente, associados ao princípio da confiança e reciprocidade potencializam o entendimento de que a relação entre sociedade e suas instituições (personificadas no papel do Estado), devem ser claras e amparadas em pressupostos de responsabilidade moral e ética, fatos esses que originam o interesse de compreender seus fundamentos quando a dinâmica posta refere-se à causa de um megaevento esportivo, o papel do Estado de um lado e da sociedade de outro.

A BUSCA DE EXPERIÊNCIAS ANTERIORES

O levantamento de experiências anteriores, a partir de uma perspectiva geral e que está associada à visão histórica e conceitual de que cada sociedade tem sobre os Jogos Olímpicos, remete a importantes reflexões sobre o que esperar dos Jogos Olímpicos do Rio 2016 tendo como aparato de análise a teoria do capital social.

Dessa forma, esse trabalho possui um viés qualitativo e de natureza documental orientado para o princípio de revisão narrativa tal qual os propostos por Rother (2007), Cordeiro et al (2007), e Vosgerau e Romanowski (2014). Segundo Vosgerau e Romanowski (2014) a revisão narrativa possui um princípio de seleção centrado na qualidade das informações, no entanto as buscas pelos estudos não tendem a esgotar suas fontes de informação, mas permitem aprofundar o conhecimento na área estabelecendo relações com produções anteriores, identificar temáticas recorrentes, apontando novas perspectivas, e consolidando uma área de conhecimento.

Assim, o direcionamento do estudo partiu da necessidade de compreender, a partir de pesquisas acadêmicas sobre países que foram sede de Jogos Olímpicos de Verão e de Inverno dos últimos 10 anos (2005 – 2015), como o capital social, a partir das suas múltiplas configurações, poderia se manifestar nas sociedades como resultado de um megaevento esportivo.

Como forma de obtenção dos dados optou-se por uma busca em banco de dados (Bireme, Pubmed, ScienceDirect, Google Acadêmico), utilizando o método booleano de associação de palavras, cujos descritores foram: “Social Capital”, e “Olympic Games”, “Turin”, “Beijing”, “Vancouver”, “Londres”, “Sochi” e os operadores lógicos “+”, “and”. Para a captação das informações a combinação das palavras envolveu os dois primeiros termos (social capital + olympic games) associado ao nome de uma das cidades sedes (Turin, Beijing, Vancouver, Londres e Sochi).

Os trabalhos foram selecionados a partir da presença dos respectivos termos no texto, gerando um quantitativo final de cinco trabalhos selecionados. Desses, dois trabalhos abordaram a questão nos jogos de Londres 2012, um nos jogos olímpicos de inverno de Vancouver 2010, um nos jogos olímpicos de inverno de Turin 2006, e um nos jogos olímpicos de Pequim 2008, conforme mostra o quadro 1.

Título	Autor	Ano	Modalidade
London 2012: Olympic ‘Legacy’, Olympic Education and the Development of Social Capital In Physical Education and School Sport: A Case Study	James Defroand	2012	Mestrado Universidade de Birmingham
Rebuilding Turin’s Image. Identity and Social Capital	Chito Guala	2003	Artigo Congresso 39° ISoCaRP

Looking Forward to 2006 Winter Olympics Games			
Leveraging Tourism Legacies: Social Capital and the 2010 Games	Aliaa ElKhashab	2010	Mestrado Universidade Simon Fraser
How might the London 2012 Olympics influence health and the determinants of health? Local newspaper analysis of pre-Games pathways and impacts	Marinie Selvanayagam <i>et al</i>	2012	Artigo BMJ Open Medical Research
Legacy of the Beijing Olympic Games: a non-host city perspective	Dongfeng Liu, David Broom, Robert Wilson	2014	Artigo European Sport Management Quarterly

Quadro 1 – Trabalhos analisados

Fonte: pesquisa autores.

A triagem inicial pautou-se pela localização da associação dos termos no abstract. Observado a concordância em relação à proposição do estudo, a etapa subsequente foi a leitura completa dos trabalhos para a compreensão do fenômeno a partir da perspectiva dos autores.

Os dados foram analisados em sua totalidade tomando como referência a teoria do capital social proposta por Putnam (2006) e Coleman (1988), a partir das categorias analíticas definidas *a priori* sendo elas: a) Foco; b) Ambiente; c) Perspectiva, e d) Efeito. Assim, o entendimento das mesmas pautou-se em:

- a) Estabelecimento do *foco da pesquisa* e o seu direcionamento dentro de um campo de conhecimento próprio;
- b) Compreensão do *ambiente* onde a manifestação do capital social estaria inserido;
- c) Identificação da *perspectiva* prévia do estudo sobre a possibilidade de influência do capital social no ambiente.
- d) Observação dos *efeitos* resultantes dos jogos olímpicos no capital social local.

Convém destacar que os resultados advindos da busca simples por temas relacionados aos jogos olímpicos incorre em um grande quantitativo de textos associados aos temas dos “legados olímpicos”. Sendo assim, cabe enaltecer que o foco dessa pesquisa foi o de compreender a dinâmica de entendimento de pesquisadores de outros países que sediaram os jogos, tanto de verão quanto de inverno, com relação exclusiva aos pressupostos da teoria do capital social.

OS RESULTADOS ENCONTRADOS

As abordagens em relação ao tema do capital social foram diferentes em seus contextos em cada trabalho, sendo possível observar que o escopo pode ser variado e apresentar perspectivas distintas em relação a como redes de relacionamento são conduzidas tendo como aparato de fundo os Jogos Olímpicos. A multiplicidade de fatores relacionados ao capital social indica que a sua influência pode permear diversas estruturas sociais, ampliando ou cerceando valores prévios, definidos a partir da intensidade e qualidade das relações estabelecidas.

Essa posição é defendida por Putnam (2006) quando assevera que as normas e cadeias de relações sociais, multiplicam-se com o uso e mingam com o desuso, fato que, para o autor, dilapidam o capital social caracterizando-o por círculos virtuosos e círculos viciosos. Ao associar tais posicionamentos frente a possibilidade de sediar um megaevento esportivo, tal qual os Jogos Olímpicos, infere-se que a participação popular é permeada de valorações inerentes ao conjunto de fatores propícios ao capital social, incorrendo em possibilidades de êxito ou fracasso (não em totalidades mas em conjunturas específicas) mediante normas e valores comungados e aceitos previamente. De acordo com o autor:

A superação dos dilemas da ação coletiva e do oportunismo contraproducente daí resultante depende do contexto social mais amplo em que determinado jogo é disputado. A cooperação voluntária é mais fácil numa comunidade que tenha herdado um bom estoque de capital social sob a forma de regras de reciprocidade e sistemas de participação cívica. (PUTNAM, 2006, p.177)

Quando observados os estudos, nota-se que as interações possíveis do conceito de capital social e sua influência nos Jogos Olímpicos adentram diferentes campos e diferentes perspectivas. O estudo de Selvanayagam *et al* (2012), cujo foco centra-se no campo da Saúde e Atividade Física, apresenta como perspectiva mudanças de comportamento a partir do aumento de capital social e indica como possíveis efeitos o impacto no espírito comunitário e ampliação da participação social em ações em prol da saúde. O estudo, cujo ambiente caracteriza-se como comunitário, vai ao encontro dos postulados de Putnam ao associar o conceito de normas, valores e atitudes como ferramenta de mudança institucional.

Já o estudo de Defroand (2012), com foco no processo de educação e valores olímpicos dentro de um ambiente de cunho educacional, traz como perspectiva os possíveis efeitos positivos na valorização da educação olímpica e do multiculturalismo com vistas às ações de professores de Educação Física. Dentro dessa perspectiva, Defroand (2012), argumenta que possíveis efeitos positivos tenderiam a mascarar os efeitos negativos do capital social, como por exemplo, a exclusão. A abordagem do estudo alinha-se mais ao conceito de capital social proposto por Coleman que assevera que aos indivíduos compete a possibilidade de modificação da sua realidade a

partir do acúmulo de experiências que assegurem a ele a tomada de decisão mais adequada.

Em outra linha, o trabalho de ElKhashab (2010) cujo foco está pautado no turismo e desenvolvimento regional em um ambiente de negócios (mercadológico), apresenta como perspectiva a relação entre atores consorciados na condução dos jogos, como empresas, federações, comitês e as suas diretas articulações intergerenciais. Como base de efeito é discutido o aumento do capital intelectual, da capacidade de competição no mercado, bem como a ampliação da troca de informações intra e inter-organizacional. Este trabalho, a partir da abordagem do capital social, apresenta nuances de um entendimento voltado, tanto para uma perspectiva relacional e racional, defendida por Coleman, quanto para uma perspectiva valorativa do comportamento dos sujeitos frente a um conjunto de normas prévias, tal qual o posicionamento defendido por Putnam.

Outro trabalho analisado, de Guala (2003), tem como foco o princípio de identidade regional, tendo como perspectiva a possível mudança da imagem da cidade-sede a partir do vínculo de dependência junto à legitimação da população. O autor argumenta que o papel da sociedade é decisivo para o evento. Dessa forma, efeitos positivos somente poderiam ser observados se a economia local fosse forte e eficiente. Nesse caso, o papel dos atores locais, o princípio de tomada de decisão, o sistema político e o reconhecimento da população seriam as bases do capital social. Efeitos negativos seriam observados em pequenas comunidades.

As argumentações apresentadas no trabalho de Guala (2003) pautam-se no entendimento de que os resultados advindos dos jogos, em termos de legados, são dependentes das cadeias de relações sociais que, sem efeito, são dependentes dos conjuntos de normas e valores cívicos tais quais os defendidos por Putnam.

No último trabalho analisado, os autores Dongfeng Liu, David Broom, Robert Wilson (2014), tem como foco uma análise de percepção social, tomando o ambiente comunitário como base da investigação. A perspectiva baseou-se em como o background econômico e cultural impactam nos resultados dos legados olímpicos. Os autores argumentam que o capital social aparece como um dos fatores identificados como legado, tendo como indicador de percepção social e apropriação acima da média por parte da população estudada.

Tais entendimentos alinham-se ao conceito de capital social postulado por Coleman, que dentre outras perspectivas designa o capital social dentro de: a) mecanismos geradores (expectativas de reciprocidade advindas do grupo social); b) as consequências (acesso privilegiado a informações), e c) organização social “apropriável” que fornece o contexto adequado para sua existência (PORTES, 2000).

Como observado, o *foco* dos estudos concentraram-se em diversas áreas com corpos de conhecimento distintos, Saúde e Atividade Física, Educação e Valores Olímpicos, Turismo e Desenvolvimento Regional, Identidade Regional, e Percepção Social. Tais indicativos evidenciam que a compreensão das estruturas que favorecem a manutenção, ampliação e

retrocesso do capital social podem emanar em diferentes situações cujo foco centraliza-se em um ponto em comum, no caso, os jogos olímpicos.

Nesse sentido, há o entendimento de que a cooperação voluntária estabelece-se como possível fator resultante de um processo de apropriação, por parte da sociedade envolvida, de princípios relacionados aos possíveis legados. Tal ação está associada ao nível de confiança social entre os entes de uma sociedade e funda-se nas estruturas prementes de acumulação do capital social (PUTNAM, 2006; COLEMAN, 1988). A análise do foco dos estudos nos mostra a multiplicidade de inserções do capital social na cadeia de relações estabelecidas entre a sociedade e a execução de um megaevento esportivo, indicando que a temática é ampla e pode angariar estudos de natureza diversa no campo da associação com os possíveis resultados advindos da organização dos jogos olímpicos.

Na observação do *ambiente* onde os estudos foram conduzidos, nota-se que a estrutura das cadeias de relações sociais pode estar pautada tanto dentro de ambientes sócio-comunitários, quanto financeiro-mercadológicos. Nesse sentido, os trabalhos de Selvanayagam et al (2010), Guala (2003) e Liu, Broom, e Wilson (2014), caminham no mesmo sentido, ou seja, compreender como a dinâmica dos jogos podem influenciar as redes de relacionamento interpessoal dentro de uma determinada sociedade, antes, durante e após a realização dos jogos. Destaca-se que dentre estes trabalhos, que a perspectiva de Guala (2003) é a única que torna-se prospectiva, tendo em vista que os jogos de Turin eram algo ainda a se realizar quando da publicação do trabalho pelo autor. Já os trabalhos de Defroand (2012) e ElKhashab (2010), caminham para perspectivas diferenciadas.

Nesse contexto, o ambiente torna-se crucial para compreender como as relações sociais são mantidas tendo em vista a cultura premente e os valores éticos e morais compartilhados em determinado espaço/tempo. Essa teia de relações a partir de um ponto nevrálgico apresenta indícios de que a posição de um sujeito frente a um determinado evento pode, em alguns casos, ser determinante para o fluxo do capital social local.

Tais ambientes são diferentes em sua essência, enquanto o trabalho de Defroand (2012) tenta compreender como a educação olímpica pode ser trabalhada dentro do ambiente escolar a partir do entendimento de que o capital social é fundamental para o estabelecimento de normas e valores, tal qual o olimpismo, o trabalho de ElKhashab (2010), tenta compreender como as cadeias de relações sociais podem ser usadas para ampliar as redes de negócios corporativos associados ao turismo olímpico. O trabalho de Selvanayagam *et al* (2012) toma como ambiente de inserção comunidades locais e a possibilidade de mudança de comportamento em relação a aspectos relacionados à saúde.

Já o trabalho de Guala (2003) atua na perspectiva de compreender, em nível prospectivo, como um ambiente comunitário local poderia ser afetado, em nível de relações sociais, por uma política de inserção dos jogos olímpicos na vida cotidiana de pessoas residentes de uma cidade-sede. Em perspectiva semelhante, Liu, Broom, Wilson (2014) tomam como ambiente de análise uma comunidade pertencente a uma cidade-sede, objetivando compreender

como o aspecto cultural e o background social de seus membros podem se tornar um fator decisivo para os legados enquanto herança.

Em relação à análise da categoria *perspectiva* observa-se uma supervalorização do capital social como resultante, quase que invariavelmente, de fator positivo para a sociedade analisada. Essa posição reforça o argumento da crítica à teoria e seu caráter tautológico: se capital social é definido por resultados, haveria capital social onde houvesse resultados promovidos pelo capital social (D'ARAÚJO, 2010), portanto, cuidados metodológicos ainda são necessários para a compreensão exata de sua influência. Como nos afirma a autora:

Capital social não é um instrumento que opera solitariamente. Reflete uma maneira integrada de agir e de interagir que tem na confiança e na cooperação as moedas da boa sociedade. Não é substituto de nada, assim como não supõe que o mercado possa ser o substituto do Estado (D'ARAÚJO, 2010, p.57).

A afirmação de D'Araújo reforça o argumento de que, enquanto instrumento, o capital social é dependente de variáveis internas e externas, e que a combinação de tais fatores é o resultado observado. Assim sendo, a perspectiva de sua influência ao meio é condicionada a esse conjunto prévio de características. Isso fica evidente ao analisar as perspectivas que o capital social poderia estar presente, em maior ou menor intensidade, nos estudos observados. Já Selvanayagam *et al* (2012) apresentam como perspectiva a possibilidade do capital social ser elevado mediante o estímulo dos jogos olímpicos. Para os autores o capital social poderia ser potencializado mediante o alto grau de exposição da população frente a imagens de atividade física e esportes. Para Defroand (2012) as bases do capital social poderiam ser solidificadas com ações voltadas para a formação de professores de educação física e esporte que focalizassem iniciativas com vistas aos valores olímpicos.

Em outra vertente, ElKhashab (2010) traz como perspectiva a ampliação do capital social corporativo a partir da ampliação das estruturas relacionais entre os diversos agentes econômicos envolvidos na execução dos jogos olímpicos. O capital social, nesse caso, seria um fator decisivo para o sucesso gerencial das relações corporativas. Já o estudo de Guala (2003) apresenta a perspectiva de que a imagem da cidade-sede e o seu direto impacto frente a sua veiculação mundo afora estaria associado a legitimação por parte de seus cidadãos. Para o autor o capital social, entendido como o nível de interação e fator de comportamento social frente ao evento, seria fundamental para uma possível mudança de imagem da cidade-sede.

De outra forma, o estudo de Liu, Broom, e Wilson (2014), caminha na perspectiva de inferir que o nível educacional e socioeconômico é fator determinante para a construção de legados, sendo que a associação destes seriam resultantes de acúmulo de capital social. Nos cinco estudos analisados, a presença e influência do capital social se dá em diferentes perspectivas, no entanto, em sua grande totalidade é pautada em valoração benéfica de seus pressupostos, não havendo, por exemplo, uma análise mais

acurada da possibilidade de acumulação negativa de capital social, ou seja, a redução dos níveis de interação social, de confiança, reciprocidade e solidariedade decorrentes de medidas autocráticas de um governo para a execução de um megaevento esportivo como os Jogos Olímpicos. O posicionamento frente as perspectivas positivas do capital social é mais nítido em contraposição aos possíveis fatores negativos advindos da ausência de uma estrutura social de compartilhamento de normas, valores e condutas, indicando uma supervalorização do termo em detrimento de possibilidades contrárias.

A observação da categoria de *efeitos* associados ao capital social indicou divergências em relação ao que se espera e ao que efetivamente se obtém. Dos cinco trabalhos, dois (DEFROAND, 2012; GUALA, 2003) apresentam perspectivas de possíveis efeitos negativos, onde a participação da sociedade em decisões relativas à vida coletiva pode induzir a aceitação ou não de determinados pressupostos de orientação geral propagado dentro dos conceitos de legados olímpicos. Essa posição evidencia o fato de que os conceitos difundidos sobre os princípios de legados olímpicos não são transmutáveis e transferíveis inquestionavelmente de sociedade para sociedade a cada novo ciclo olímpico, e que a efetivação dos legados enquanto posição social é resultante do conjunto de códigos, de normas e valores compartilhados dentro de uma cultura própria em dada sociedade.

Já os trabalhos de Selvanayagam *et al* (2010), ElKhashab (2010), e Liu, Broom, e Wilson (2014), apresentam efeitos positivos em relação a como os jogos olímpicos podem unir a sociedade dentro de uma causa em específico, potencializando efeitos nos campos próprios do capital social. Essas ações alavancariam mecanismos de desenvolvimento econômico e social trazendo efeitos benéficos em curto e médio prazo para as comunidades inseridas dentro do contexto das cidades-sedes. D'Araújo (2010) evidencia tal resultado ao entender que uma sociedade cuja cultura e prática valoriza a confiança interpessoal é mais propícia a produzir o bem comum, a prosperar. Portanto, a adesão aos valores difundidos dentro das propostas oriundas do Estado a partir de uma candidatura olímpica pode fomentar mudanças e perspectivas futuras quando aceitos dentro de normas e contratos sociais coletivos. Dessa forma, é possível observar que as perspectivas prévias de potencialização de padrões associados ao capital social nos trabalhos em questão nem sempre são obtidas de forma plena, sendo que as subjetividades e especificidades de cada sujeito/comunidade pode trazer intercorrências diversas dentro de um padrão de legado olímpico.

Com tais perspectivas encontradas, é importante apresentar, a partir da análise dos trabalhos em questão e a sua relação com o capital social, o posicionamento de Coleman (1988) que caminha no sentido de dar entendimento as possíveis modificações estruturais frente a um novo (e grande) contexto pontual e impactante como os jogos olímpicos. Para o autor, as fontes do capital social correspondem as expectativas e confiabilidade creditadas às estruturas sociais e as redes de informações, bem como ao cumprimento de regras e dos valores estabelecidos. Dessa forma, é a organização social (atores e seus processos) que tende a dar legitimidade a consecução de propósitos e não o Estado. Os jogos olímpicos e

o seu impacto nas comunidades possuem conjuntos de relações que só podem ser compreendidas quando observados fatores como cultura, participação cívica e engajamento coletivo.

Tomando como referência os trabalhos analisados, a obtenção de efeitos positivos em temas como atividade física e saúde, educação e valores olímpicos, turismo e desenvolvimento regional, identidade regional e percepção social, a partir da influência dos Jogos Olímpicos em tais áreas, só será crível caso a organização social e o seu respectivo capital social os tenham como propósito de ação. No entanto, os cinco trabalhos analisados caminham no sentido de dar um dimensionamento real a forma como as relações sociais podem possuir dinâmicas diferentes quando um evento de grande magnitude como os Jogos Olímpicos modificam parâmetros prévios em uma determinada sociedade. As alterações de perspectivas sociais a partir da possibilidade de uma cidade/país tornar-se sede dos Jogos Olímpicos, sejam elas positivas ou negativas, constituir-se-ão de fatores que invariavelmente tenderão a aumentar ou reduzir variáveis como: coesão, confiança, segurança, solidariedade, e cidadania, fatores esses que a partir da intensidade das relações sociais estabelecidas fomentarão a presença do capital social.

CAPITAL SOCIAL COMO LEGADO: PARA QUEM?

As dificuldades em mensurar as possibilidades de mudanças ocasionadas pelo que se denomina por “legado” não são poucas. Há tendência em exagerar as posições positivas do evento (PRONI, 2009), como forma de justificá-lo no intuito de assegurar que as heranças justificariam os altos investimentos.

Com o capital social não é diferente. Estimar que mudanças de percepção, de atitude e de relacionamento entre pessoas de uma mesma comunidade após a realização dos jogos é algo comum, no entanto, pouco crível de ser comprovado. No entanto, para Rubio (2009) a difusão do legado educativo poderia sim, ser um fator considerado de grande importância na configuração posterior a realização dos jogos. Para a autora a amizade e a fraternidade são consideradas o coração do Movimento Olímpico. Isso porque levam à convivência social, ao entendimento e a amizade, à compreensão independente da nacionalidade.

A transcendência de limites sob a égide do Movimento Olímpico reforçaria ainda, segundo a autora, os laços de união e paz entre os povos. Tais virtudes estariam postas como fatores decorrentes de uma mudança de comportamento social, na qual os preceitos educacionais seriam os pilares e o eixo motriz que associariam o esporte e os valores olímpicos ao conjunto de normas sociais vigentes em determinada localidade.

O posicionamento de Rubio (2009) valoriza as perspectivas positivas de mudanças sociais, não trazendo para o debate as possíveis consequências negativas que, a partir da teoria do capital social podem estar subliminarmente postas. Segundo Portes (2000), de fato, é característica do nosso viesamento sociológico a tendência para ver emergir da sociabilidade coisas boas, as más são mais comumente associadas ao

comportamento do *homo economicus*. Contudo, os próprios mecanismos apropriáveis por indivíduos e grupos como o capital social podem produzir consequências menos desejáveis.

O posicionamento de Portes (2000) aponta para a necessidade de repensar sobre como o capital social negativo deve ser observado quando a questão se volta para às possibilidades concretas vinculadas aos jogos olímpicos. A visão comum de uma determinada sociedade para com um determinado evento pode resultar no que o autor denomina de “exigência de conformidade”, na qual posições críticas e contrárias tendem a ser sufocadas por um mecanismo de controle social. Isso pode significar que: visões demasiadamente positivas dos jogos podem não ser de fato a expressão unânime da sociedade, sendo que o contrário, ou seja, visões demasiadamente negativas também podem ser resultados de uma conformidade não factual.

Os Jogos Olímpicos, por si só, remetem ao apelo da imagem da cidade-sede como forma de divulgar e associar o evento a um determinado contexto cultural. No entanto, o significado só pode ser partilhado pela população se esta se apropria de forma consubstancial da proposta e dos valores ali postos, o que em alguns casos pode ser questionável⁴ e trazer consequências reversas aos interesses dos jogos de um lado, e o da população de outro. A organização destes eventos implica em um alto investimento por parte dos governos, o que tem gerado inúmeros questionamentos e debates nos meios acadêmicos e político, bem como na sociedade civil organizada (CASTRO, SOUZA, 2015).

Outra perspectiva posta sobre quais legados são esperados de um megaevento desse porte faz menção a quais finalidades ele se destina. Tomando como referência a perspectiva de Portes (2000) que incidem sobre suas leituras de Coleman, Loury e Bourdieu, o capital social pode ser observado a partir de duas perspectivas: a) como bem público, onde os atores sociais interagem frente a um evento em determinada circunstância de modo conjunto com vistas a atingir tanto objetivos pessoais quanto coletivos, e b) como mal público, onde grupos coesos e com objetivos questionáveis, se apropriam da fidelidade das interações sociais intrínsecas para burlar e manipular as redes de normas e valores coletivos. Sob essa perspectiva recaem as ações de organizações criminosas, que podem, dentro do universo de um megaevento, atuar paralelamente ao Estado para obter vantagens econômicas⁵. Para Portes (2000), este ponto é de particular importância na abordagem às versões mais recentes e mais laudatórias do capital social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

⁴ Um investimento maciço de grande monta em complexos esportivos pode, a partir da perspectiva do capital social, atuar de maneira antagônica junto à sociedade quando esta sofre carência de uso de recursos públicos em áreas como saúde, segurança e educação.

⁵ Durante a realização da Copa do Mundo de 2014 FIFA no Brasil, uma quadrilha internacional foi presa atuando de modo globalizado na venda ilegal de ingressos. Para saber mais, acesse: <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2014/07/policia-desarticula-quadrilha-de-venda-de-ingressos-da-copa-do-mundo.html>. Acesso em: 08 jul. 2016

Observa-se que a relação entre a teoria do capital social e a sua relação com as ações decorrentes de um megaevento esportivo, no caso em questão os Jogos Olímpicos, constitui-se de uma forte base para a compreensão de fenômenos sociais observados antes, durante e após a realização dos jogos.

A ação dos atores dentro de um sistema maior, a relação macro-micro, se consolida como sentido de articulação social que valora os anseios individuais associados às necessidades coletivas como aponta Coleman (1988). Essa interpretação é comparável aos pressupostos dispostos nos conceitos de legados olímpicos, afinal, legado para quem e que tipo de legado se os anseios coletivos e individuais podem não serem definidos democraticamente no período que antecede os Jogos Olímpicos?

As conjecturas indicam que os efeitos podem ser positivos, ampliando a estrutura de legados, desde que haja uma equidade e consenso social sobre a importância dos jogos para além da competição. Todavia, uma fragmentação social, desequilíbrio entre propostas e realidades pré e pós evento, e desconfiança podem minar possíveis efeitos dos legados, ampliando um entendimento negativo em relação a herança que os jogos podem deixar.

Portanto, o capital social constitui-se de um bem público capaz de angariar efeitos positivos e/ou negativos frente um fenômeno social. Não obstante, os Jogos Olímpicos tencionam a relação entre Estado x Sociedade podendo diretamente influenciar a organização de uma estrutura social no que tange aos preceitos coletivamente definidos, sendo que nesse ínterim, as ações resultantes dessa medida serão compreendidas como fatores influenciadores da tomada de capital social.

Como observado nos trabalhos analisados, mudanças significativas nas cidades-sedes de Jogos Olímpicos só serão possíveis se houver uma conjuntura favorável de fatores associados, dentre os quais destaca-se o capital social por constituir-se de um mecanismo que depende fundamentalmente da organização das redes de relacionamentos, reciprocidade e confiança coletiva ao qual uma sociedade se sustenta.

REFERÊNCIAS

CASTRO, S. B. E. de; SOUZA, D. L. de. Os Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016: propostas para o esporte educacional, de participação e de rendimento. *Rev. bras. educ. fís. esporte*, São Paulo, v. 29, n. 3, p. 507-518, set. 2015.

COLEMAN, J. S. Social Capital in the Creation of Human Capital. *The American Journal of Sociology*, Vol. 94, Supplement: Organizations and Institutions: Sociological and Economic Approaches to the Analysis of Social Structure. 1988, pp. 95-120.

CORDEIRO, A.M.; et al. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. *Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgia*. v.34, n.6, p. 428-431, Dez. 2007.

D'ARAÚJO, M.C.S. *Capital Social*. 2.ed, Rio de Janeiro. Zahar. 2010. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

- DEFROAND, J. London 2012: Olympic 'Legacy', Olympic Education and the Development of Social Capital In Physical Education and School Sport: A Case Study. *Master of Sport Coaching*. University of Birmingham. 2012, 111p.
- ELKHASHAB, A. Leveraging Tourism Legacies: Social Capital And The 2010 Games. *Master of Resource Management*. Simon Fraser University. 2010. 222p.
- ESSEX, S; CHALKLEY, B. Olympic Games: catalyst of urban change. *Leisure Studies*. v.17, n.3, p.187-206, 1998.
- FUKUYAMA, F. Social Capital and Development: The coming agenda. *SAIS Review*, v.22, n.1, p.23-37, Winter-Spring, 2002
- GUALA, C. Rebuilding Turin's Image. Identity and Social Capital Looking Forward To 2006 Winter Olympics Games. *39º ISoCaRP Congress*, 2003
- LIU, D; BROOM, D; WILSON, R. Legacy of the Beijing Olympic Games: a non-host city perspective. *European Sport Management Quarterly*. v.14, n.15, p.485-512, 2014. <http://dx.doi.org/10.1080/16184742.2014.947301>
- PORTES, A. Capital social: origens e aplicações na sociologia contemporânea. *Sociologia, Problemas e Práticas*, Oeiras, n. 33, set. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65292000000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 maio 2015.
- PRONI, M.W. Observações sobre os impactos econômicos esperados dos Jogos Olímpicos de 2016. *Revista Motrivivência*, Florianópolis. ano XXI, n.32/33, p.49-70, 2009.
- PUTNAM, R. D. *Comunidade e Democracia: a experiência da Itália moderna*. 5.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, 260p.
- ROTHER, E.T. Revisão Sistemática x Revisão Narrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*. São Paulo, v.20, n.2, 2007.
- RUBIO, K. O legado educativo dos megaeventos esportivos. *Revista Motrivivência*, Florianópolis, ano XXI, n.32/33, p.71-88. 2009.
- SELVANAYAGAM, M; *et al.* How might the London 2012 Olympics influence health and the determinants of health? Local newspaper analysis of pre-Games pathways and impacts. *BMJ Open Medical Research*. Nº2, 2012. doi:10.1136/bmjopen-2012-001791

VOSGERAU, D. S. R.; ROMANOWSKI, J.P. Estudos de Revisão: implicações conceituais e metodológicas. *Revista Diálogo Educacional*. Curitiba, v.14, n.41, p.165-189, jan.-abr. 2014.

Recebido em 22 de março de 2016
Aceito em 28 de setembro de 2016